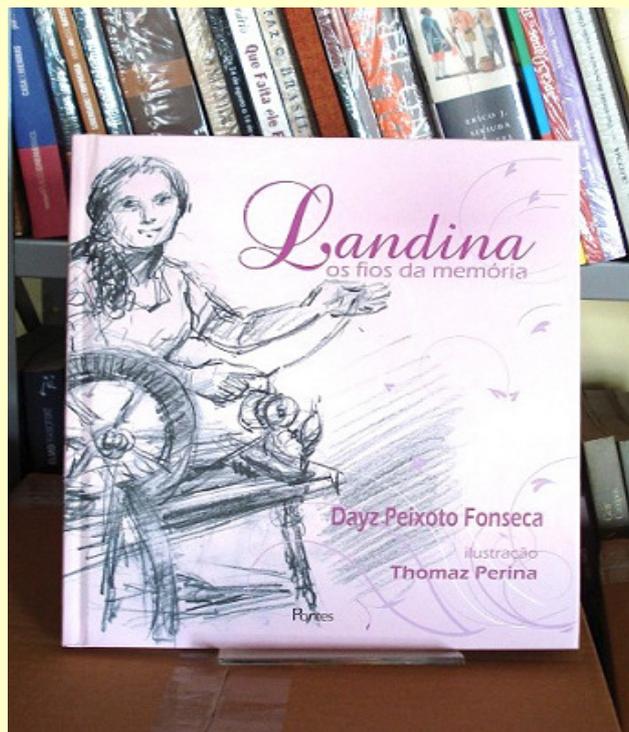


www.polens.com.br / Landina - os Fios da Memória

LANDINA: O TEMPO E O TEXTO



Crítica de Luiz Carlos Ribeiro Borges (Campinas)



LANDINA: O TEMPO E O TEXTO

Luiz Carlos R. Borges

Hábito de leitor, costume fazer anotações sobre os livros lidos, associando-os com outros, em princípio para minha própria ilustração. Mas, sempre que possível, comunico a amigos as impressões de leitura, com valor meramente opinativo, próprio de quem não é senão leitor.

Foi o caso da leitura de “Landina – os fios da memória”, (Editora Pontes), que, no contexto das obras da autora, Dayz Peixoto Fonseca, como que completa um arco, que vai da vanguarda à tradição.

Desde o catálogo histórico sobre o “Grupo Vanguarda” de Campinas, voltado a partir do próprio título para o estudo da vanguarda nas artes; passando por “Thomaz Perina – Pintura e Poética”, registro da obra de um dos mais ativos integrantes daquele movimento que veio trazer novos ares às artes plásticas locais; e concluindo com “O Viajante Hércules Florence – Águas, Guanás e Guaranás”, o próprio personagem assim focalizado tendo sido ele próprio um pioneiro, um desbravador de territórios – Dayz sempre teve sua atenção desperta para as atitudes de busca de novas expressões e experiências.

Já agora seu olhar de escritora executa uma inflexão, para se direcionar para suas origens pessoais, para as raízes, para a reverência aos ancestrais e aos valores que marcaram o seu tempo.

Pois Landina é isto: um olhar para o passado, para o histórico familiar representado por uma protagonista emblemática. E, em torno desta figura central, a construção, reminescente, de um inventário de ícones, hábitos, crenças e rituais, que são signos de uma época que a modernidade desfez e de uma cultura – rural, caipira – que só resiste através de remanescências literárias, musicais, sociológicas, pictóricas.

É por isso que no livro multiplicam-se símbolos do imaginário caipira, vale dizer, do patrimônio memorial de uma imensa parcela da população paulista (e dos Estados adjacentes), daqueles que em algum momento empreenderam o percurso do sertão para a cidade, do arcaico para o contemporâneo. E são: lamparinas, velhas fotografias em poses solenes, festas de reis, um jardim à frente da casa, cisternas e fogões a lenha nos quintais...

É, ainda, por isso que o livro se inscreve dentro de um contexto erudito que, ao longo do século vinte, orientou-se no sentido de cultivar e preservar os valores de um modo de vida, campesino, prestes a desaparecer ou a perder sua identidade. E que compreende Almeida Júnior nas artes plásticas; na literatura, Monteiro Lobato, seu companheiro de geração e de lides literárias, o poeta Ricardo Gonçalves, e Valdomiro da Silveira; Antônio Cândido na sociologia (“Parceiros do Rio Bonito”); na música popular, violeiros da têmpera de um Paulo Freire, de um Ivan Vilela, por sua vez prestando reverência aos mestres fundadores da canção caipira, da moda de viola, enfim.

Como Florence, Dayz empreende, portanto, uma viagem. Porém, uma viagem pelos territórios da memória, devassando regiões muitas vezes imprecisas e nebulosas como o mais profundo interior dos sertões de 1825. Com a ajuda dos retratos traçados por Perina, ela perscruta e, ao mesmo tempo, ilumina imagens remotas, ocultas nos recantos mais longevos de suas lembranças, para assim construir o edifício de seu livro, fragmento a fragmento.

Como na busca de um tempo perdido, vai tecendo, esforço de artesã, os fios da memória, como outrora fazia a avó ancestral, junto à roda de fiar, impondo ordem aos fios dispersos de algodão. A escritora usa, para tanto, uma linguagem sóbria e concisa, coerente com uma atenção objetiva, quase fenomenológica, no exame dos fatos coletados na memória, sem, contudo, jamais perder a ternura.

Edifica-se, assim, o livro, na mesma medida em que se vai reconstruindo, desde os escombros do passado, a própria casa da avó Landina. Ao fim, contempla-se o trabalho feito, o tecido completo. E a Casa – já então, inabalável, já então, imune à passagem dos anos – torna-se permanente e se pereniza através da palavra, que, como disse o poeta, pode mais do que a pedra.

(O autor é membro da Academia Campinense de Letras)